

SUMÁRIO/CONTENTS

- 4 - 5 EDITORIAL
EDITORIAL
Carlos Eduardo Comas
- 6 - 25 ORNAMENTO E RACISMO: OS PRECONCEITOS ANTROPOLÓGICOS DE ADOLF LOOS
ORNAMENT AND RACISM: THE ANTHROPOLOGICAL PREJUDICES OF ADOLF LOOS
Jorge Francisco Lienur
- 26 - 45 MIES NO WEISSENHOFF
MIES AT WEISSENHOFF
Humberto Mezzadri
- 46 - 57 AURELIO MARTINEZ FLORES, EXERCÍCIOS DE COLAGEM SOBRE FUNDO BRANCO
AURELIO MARTINEZ FLORES, COLLAGE EXERCISES ON WHITE GROUND
Cecilia Rodrigues dos Santos
- 58 - 81 A CASA EQUIPADA DE GIO PONTI: O MOBILIÁRIO COMO ELEMENTO DE PROJETO
GIO PONTI'S EQUIPPED HOUSE: FURNITURE AS DESIGN ELEMENT
Angelica Ponzio
- 82 - 97 HERZOG & DE MEURON E OS ABRIGOS DECORADOS DE VENTURI & SCOTT BROWN
HERZOG & DE MEURON AND THE DECORATED SHEDS OF VENTURI & SCOTT BROWN
Fernando Diniz Moreira
- 98 - 121 RUA DE MÃO DUPLA: LEITURAS BERLINESAS DE JOHN HEJDUK E DANIEL LIBESKIND*
RUA DE MÃO DUPLA: LEITURAS BERLINESAS DE JOHN HEJDUK E DANIEL LIBESKIND*
Laís Bronstein/Andres Martín Passaro
- 122 - 145 FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO: TRANSPARÊNCIA DO CONCRETO
IBERÊ CAMARGO FOUNDATION: THE TRANSPARENCY OF CONCRETE
Marcelo Della Giustina / Ricardo Calovi / Carlos Eduardo Comas
- 146 - 151 TRAÇOS DA INVENÇÃO: ÁLVARO SIZA AOS 70
LINES OF INVENTION: ALVARO SIZA AT 70
William J. R. Curtis
- 152 - 175 FILIAÇÕES FRANCO-BRASILEIRAS... DO RIO DE AGACHE À CIDADE DA MÚSICA
FRANCO-BRAZILIAN FILIATIONS... FROM AGACHE'S RIO TO THE "CIDADE DA MÚSICA"
Christian de Portzamparc
- 176 - 187 CIDADE DA MÚSICA DO RIO DE JANEIRO: A INVASORA
RIO DE JANEIRO, CIDADE DA MÚSICA: THE INVADER
Otávio Leonidio
- 188 - 190 AUTORES
AUTHORS
- 191 DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DE TEXTOS
PAPER SUBMISSION GUIDELINES

Exótico é, primeiro, aquilo ou aquele que não é originário do país em que aparece; o que não é nativo ou indígena, é estrangeiro, vem de fora. É estrada de duas mãos. Em sátira brilhante de Voltaire, um persa descreve e questiona a cultura francesa, tão estranha para si quanto sua cultura para um francês. Exótico pode servir também a situações diferentes na mesma cultura, a colônia diante da metrópole e vice-versa. O impacto do americanismo sobre a vanguarda europeia no século XX é conhecido mas é o bostoniano Henry-Russell Hitchcock quem escreve, em 1929, uma das primeiras histórias dessa vanguarda.

ARQtexto 13 propõe uma coleção de textos onde autores europeus e sul-americanos discutem obras de arquitetos de outras nacionalidades em terra alheia. Para *Exótico Exótica II*, o exemplo não é só o dos irmãos estadunidenses, encorajados pela independência e desenvolvimento precoces. Jorge Luis Borges dizia do escritor argentino nos 1940 que sua tradição, como a do judeu, era “toda a cultura ocidental”, porque agia dentro desta sem “devoção particular”. Mesmo bastardo, mesmo mestiço, nenhum americano dela escapa, por ancestralidade, aculturação ou transculturação. Melhor é relaxar e assumir logo a herança.

O primeiro ensaio é portenho, *Ornamento e racismo: preconceitos antropológicos nas fundações da arquitetura moderna*. Jorge Francisco Liernur examina aí a tese de Loos sobre o ornamento e as idéias politicamente incorretas que ela implica. Notando que a tendência a borrar limites locais distingue a modernidade e resulta em hibridização cultural, evidencia a correlação entre a arte moderna e a expansão capitalista como imperialismo e colonialismo.

A ausência de ornamento caracteriza a obra de Mies e a de um seu discípulo mexicano-brasileiro. Em *Mies e o Weissenhof*, o curitibano Humberto Mezzadri documenta os interiores dos apartamentos que o mestre executa em Stuttgart. Em *Aurelio Martinez Flores: exercícios de colagem sobre fundo branco*, Cecília Rodrigues dos Santos, paulistana, dá nota substantiva sobre obra que merece maior difusão. *A Casa Equipada de Gio Ponti*, da gaúcha Angélica Ponzio, tem teor similar, mas trata de arquiteto controverso em parte por não desprezar estampa figurativa demasiado próxima da decoração. Em *Herzog & De Meuron e os abrigos decorados de Venturi & Scott Brown*, o pernambucano Fernando Moreira analisa a influência destes em obra daqueles onde o ornamento importa e muito. Em *Rua de mão dupla: leituras berlinenses de John Hejduk e Daniel Libeskind*, a retórica faz de ornamento. Desde o Rio, Laís Bronstein e Andrés Pássaro discorrem sobre vertente da crítica arquitetônica nos 1980 que troca a idéia de autonomia formal pela incorporação da prática literária em seus projetos.

Para muitos, as obras mais significativas da década no país são o Museu Iberê Camargo do português Álvaro Siza e a Cidade da Música do francês Christian de Portzamparc. O ensaio fotográfico sobre o museu propõe *A Transparência do Concreto*, organizado, com o editor, por Ricardo Calovi e Marcelo Della Giustina, os gaúchos autores das imagens. Do britânico William Curtis, Linhas da Invenção comemora os 70 anos de Siza vislumbrando o museu inda em prancheta. Portzamparc mesmo firma *Filiações franco-brasileiras: do Rio de Agache à Cidade da Música*, a documentação inclusa disponibilizada graças à intermediação da arquiteta Ana Paula Pontes, de seu escritório no Rio. A provocação corre por conta do texto curto mas incisivo do carioca Otavio Leonídio, *Cidade da Música do Rio de Janeiro: a invasora*.

Dizia nosso crítico Mário Pedrosa que os habitantes do Novo Mundo, não possuindo história comparável à de suas matrizes ocidentais, estavam condenados a ser modernos. Que seja. Contudo, ARQtexto 13 mostra que não vai daí que estejam condenados a ser prisioneiros da própria geografia, competentes apenas para o exame de produção local e suas distâncias frente a essas velhas matrizes. Muito pelo contrário, livres de inferioridade ou narcisismo, podem abraçar o exótico e fazê-lo seu. Na melhor e própria tradição antropofágica.

Exotic, at first, is what or who is not originating in the country in which he or it appears, which is not native or indigenous, is foreign, comes from abroad. It is a two-way road. In the brilliant satire of Voltaire, a Persian describes and questions the French culture, so strange to him as his culture would be for a Frenchman. Exotic can also apply to different situations in the same culture, the colony vis-à-vis the metropolis and vice versa. The impact of Americanism on European 20th century avant-garde is known, but it is the Bostonian Henry-Russell Hitchcock who writes, in 1929, one of first histories of this avant-garde.

ARQtexto 13 proposes a collection of texts where European and South American authors discuss works abroad by architects of other nationalities. To *Exotic Exotica II*, example comes not only from the brothers from USA, encouraged by early independence and development. Jorge Luis Borges said of the Argentine writer in the 1940s that his tradition, like that of the Jewish writer, was "the whole of Western culture" because he acted in this culture without a "particular devotion". Even if bastard, even if mestizo, no American can escape it, by ancestry, acculturation or transculturation. Better to relax, and collect that heritage right away.

The first essay comes from Buenos Aires, *Ornament and racism: anthropological prejudices on the foundations of modern architecture*. Jorge Francisco Liernur therein examines the Loosian thesis on ornament and the politically incorrect ideas it implies. Observing that the tendency to erase local boundaries characterizes modern times and results in cultural hybridization, he correlates modern art and the capitalist expansion as imperialism and colonialism.

Absence of ornament characterizes the work of Mies and one of his Mexican-Brazilian disciples. In *Mies at the Weissenhof*, Humberto Mezzadri from Curitiba documents the apartment interiors that the master designed in Stuttgart. In *Aurelio Martinez Flores: collage exercises on a white ground*, Cecília Rodrigues dos Santos, from São Paulo, reviews work that deserves wider publicity. *Gio Ponti's Equipped House*, by Angélica Ponzio from Rio Grande do Sul, is also a substantive review about a controversial architect that uses figurative prints too close to decoration. In *Herzog & De Meuron and the decorated sheds of Venturi & Scott Brown*, Fernando Moreira from Pernambuco analyzes the influence of the latter on the work of the former, where ornament matters a lot. In *Two-way street: the Berlin readings of John Hejduk and Daniel Libeskind*, rhetoric stands for ornament. Laís Bronstein e Andrés Pássaro from Rio discourse on a branch of the 1980's architectural criticism that exchanges the idea of formal autonomy for the incorporation of literary practice in its designs.

Many think that the most important works of the decade in Brazil are the Iberê Camargo Museum by Álvaro Siza from Portugal and Cidade da Música by Christian de Portzamparc from France. The photographic essay on the museum proposes *The transparency of concrete*, organized, with this editor, by Ricardo Calovi and Marcelo Della Giustina, the gaucho authors of the images. *Lines of Invention*, by Englishman William Curtis, commemorates Siza's 70 years giving us a glimpse of the museum still on the drafting board. Portzamparc himself writes *French-Brazilian filiations: from Agache's Rio to the "Cidade da Música"*; the included documentation was obtained thanks to the intermediation of architect Ana Paula Pontes from his office in Rio. While provocation can be credited to the short but incisive text by Cariocan Otavio Leonídio, *Cidade da Música, Rio de Janeiro: the invader*.

Brazilian critic Mário Pedrosa once said that the inhabitants of the New World were sentenced to be Modern since they lacked a history comparable to that of their Western matrices. Whatever. Anyhow, ARQtexto 13 shows that it doesn't follow that they are sentenced to be prisoners of their own geography, competent only for the examination of the local production and its distance regard to these old matrices. On the contrary, free of inferiority or narcissism, they can embrace the exotic and make it theirs. In the best orthodox anthropophagic tradition.